



Visto pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano VI - N.º 134
Preço 1800

Redacção, Administração e Propriedade — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
16 de Abril de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado 117.730\$00

Atravesso uma das maiores crises financeiras da minha vida. Vai portanto em 5 vezes a 20\$00 de cada. Assim diz, Um de algures. Este vai de mãos postas. Olhando para os meus queridos 3 filhinhos, não posso deixar de querer ser um dos 5000. E' ainda o mesmo a falar, cada vez com mais eloquência: os meus três filhinhos.

Eu sou a ressurreição e a vida, disse Jesus às irmãs de Lázaro, postas, naquela hora, em grande desolação. Entileire, meu amigo, ponha as mãos e caminhe. E de Ferreira do Zézere. E de Mogadouro. E da Covilhã. E de Lisboa a valer por cinco. E de um colégio da Guarda 300\$. Vão todos os colegiais. E também de Manteigas. E mais de algures, que ainda não tinha cumprido o meu dever. Se todos os que podem assim pensar em, estou de parabéns. Uma 2.ª prestação de Aveiro. Como poderia eu pagar de uma só vez, se é em prestações que recebo?! E 150\$ do Porto. E de algures; é uma Maria. E de Lisboa. E de Gouveia. São dois irmãos de 10 e 12 anos. Vão na ala dos Infantes. E de Lisboa toda uma família. Oh fileira! E da Foz; uma nota novinha. Aqui tudo fala; até as notas! E de Lamego, de duas doentes pobres. Pobres? Não me parece. Oçam a legenda: Obras todas do Senhor, bendizei o Senhor. Eis aqui a expressão de uma imensa riqueza de alma. E de Lisboa. Mais Lisboa. E outra vez de Lisboa um a valer por quatro. E um casal que ama a Deus sobre todas as coisas e deseja amar o próximo como a si mesmo. Sabem onde reside este casal? No interior de A'frica, longe do mundo. Deus é Imenso. Na crista dos montes e no profundo dos abismos, Ele é e Ele actua. E' ver este casal no interior de A'frica! Sabem, ainda, com quanto o casal se alista? Com duas libras e meia de um Banco da A'frica do Sul. O dinheiro traz legenda: Tanto o meu marido como eu desejamos pertencer à lista. Notem a ordem. A Esposa coloca o seu Marido no primeiro lugar, sinal de que também ele coloca a esposa no seu; e tudo isto, tal como a água da fonte, promana da vida que levam: Um casal que ama a Deus. Pronto. Mais nada. O Evangelho é simples.

E outra vez da selva; é de Luanda. Não fenece o amor da Pátria no coração dos ausentes. E de Sernache do Bonjardim; é uma libra em oiro. A sugestão de libra em oiro dá-se mais raramente. E do Porto. E de Beja, com a maior generosidade do nosso coração. E' do seminário de Beja. São os Seminaristas que falam. O mal vai alastrando!... E de Lisboa; são 300\$00. E' pouco, mas acho que a campanha terá maior valor e significado se for ganha por muitos. Sim com todas as letras. E do Lobito, são três soldados. Mora ali um João Salema que não se cansa de pregar o Novo Mandamento. O que Ele tem conseguido de assinantes, certos e pontuais e generosos, — quantos?! E agora, desata a mandar Soldados! E' o João Salema. Deus o ajude. E uma terceira prestação. E meia dose de Famação. E do Porto. E outra vez o Porto, que entregou ó Abel 14 placas de 10\$00. E Barrancos. E do Rio de Janeiro 2000 escudos do afilhado José, por intermédio de seu tio e padrinho José, operação realizada aqui na aldeia no dia de

S. José. E outros mil escudos. E mais cem. E uma grande meia dúzia de visitantes que se têm vindo desobrigar aqui na aldeia. Preferem assim. E de Caide. E da Cova da Iria, o lugar mais falado do mundo. E mais esta carta:

Meu paizinho é assinante do «Galato», e eu sempre o leio, e vi, que meninos também entram na coluna dos da «Tipografia», também tenho 9 anos e quero pertencer a esse número para auxiliar a Obra que Deus Nosso Senhor o encarregou.

Meu Paizinho disse então, vais tu meu filho, primeiro com 50\$00, porque eu ainda não pude enfileirar na Coluna dos de 100\$00 e como não somos ricos, e vais tu então, para que se siga o exemplo do autor da lembrança e que todos os meninos ricos e remediados subscrevam, para engrandecimento e futuro de nossos irmãos, pois meu Paizinho é raro ler o jornal, que eu o não veja chorar e já lhe perguntei porque sempre chorava, e ele diz, que queria ajudar muito essa casa, e não pode, mas disse-me vai tu primeiro porque a Obra é de Pequeninos, e eu lá irei quando puder desobrigar-me desta Obrigação.

MENINO MANUEL GUERRA DUARTE

E Torres Novas. E Lisboa com 70\$00 e mais 20\$00. São prestações de bons pagadores. E Coimbra. E da Batalha, uns noivos, cada um com 100\$00. Trata-se ou não de Ala dos Namorados? Cá vão eles. Para enxugar as lágrimas do Pai Américo, diz a carta. Na verdade nós é que devíamos chorar... a nossa incompreensão, continua a carta. Tem graça que no mesmo dia, também uma Mãe viúva, do Estoril, enfileira com quinhentos, por causa das lágrimas que o crónista publicou. Das minhas lágrimas. Ora na verdade, houve aqui uns dias de fracasso, deu-me para ir até à redacção aliviar. O Alfredo, que pôs as lágrimas no jornal, a mim não me falou nelas. O que êle disse na ocasião, foi que pusesse eu no jornal uma chegadela: Ande; ponha no jornal uma chegadela ós senhores, a ver se eles ouvem.

O Alfredo, não sabe o que diz. Estas coisas não vão com chegadelas. Mansidão. Persistência. Ovelhinha mansa, mama na mãe e nas outras. A brava, não. Nem na mãe nem nas estranhas. E da Covilhã. E Lisboa. E Ermezinde com metade. E da Cova da Iria. E de Algures; são 500\$00. Acabo de sofrer um desgosto enorme. Maneira estranha de procurar remédio! E que outros se podem procurar quando os desgostos veem de Deus, pois que só ele tem palavra de vida. Eu acho tão delicada a carta onde vinha o dinheiro que me não atrevo a publicá-la. E de Lisboa. E de Viseu a valer por dois. Atenção Viseu. E de Lisboa dez placas de dez escudos.

Com o desejo que tenho de libras de oiro, qualquer caixa que venha pelo correto me cheira a elas: mas é só o cheiro. E de Castelo Branco um a valer por dez. E' um médico. Mais médicos. E outra vez Castelo Branco com uma libra em oiro. E mais outro de lá. E da Pala. E do Porto. E um a dizer que quer ir com 150 e ao meu lado o meu irmão e a minha irmãzita mais pequenita.

E' a confusão. E entregue aos vendedores de Braga cem e mais 250\$00. Querem ir na coluna. E ao Lar do Porto, três foram dizer que também. E de Castelo Branco uma que não é de Castelo Branco. E de Alquerubim. E do Porto um a valer por três. E do Porto um a valer por dez. E mais um entre e jante conosco e agora vai um cálice de vinho do Porto e eu disse que não. Então vai um de Cognac e eu disse que sim, por via do café que estava muito quentinho e muito saboroso. E agora vai um charuto e eu tornei a dizer que não. Então vai uma cigarrilha e eu fiz na mesma. E um cigarro? Foi! E no fim de tudo seis notas de cem para a tipografia. Isto aconteceu na cidade do Porto, aos 19 dias andados do mês de Março. No Porto, sim; pois aonde havia de ser uma coisinha tão completa?! E de Lisboa; são três, aonde entra uma senhora de 81 anos — a Tia Luz. Inválidos no cortejo? Não. Não senhor. Almas robustas sim. Gente que compreende. E mais um que deu em o dia de Nossa Senhora de Março. Ele destaca aquela data. A Anunciação. A maior novidade que jamais foi revelada aos homens de um mistério escondido no seio dos séculos e que os sinos das nossas torres veem anunciando três vezes ao dia. E do Carregal do Sal. E de Esmoriz.

Ora vamos a elas; às contas.

Atrazado	117.730\$00
Hoje	14.600\$00
	<hr/>
	132 contos

Faltam só 368 contos. Não desanimem nem parem. O passo de boi é o mais seguro por ser o mais vagaroso... e o mais firme. Nem consta que jamais tivesse ido por uma ribanceira abaixo um carro mai-los bois; não consta.



Como êle há muita gente que gostaria de me conhecer, eis aqui o meu retrato. Sou eu de costas. Tanto valho assim como de frente.

NOTA DA QUINZENA

Assim como em Coimbra outrora, com as Criaditas dos pobres, também hoje no Barrêdo me encontrei com uma *creadita dos pobres*.

E' uma fidalga. Duas vezes fidalga. Primeiramente pelo seu berço e segundo porque se está despojando pouco a pouco das suas jóias por amor dos pobres do Barrêdo. São jóias antigas e formosas.

Eu tenho visto algumas delas. Quanto não deve esta creadita dos pobres a Deus, pelo dom de tão sublime loucura! E quem tal pode fazer se lhe não fôr dado do Alto!

Ora nós vamos ver aqui o pulso desta senhora em uma carta que ela acaba de me enviar.

Pois eu fiquei aterrada com a ideia de ser demolido o Barrêdo e seus suburbios. Demolir é facilimo; reconstruir é também relativamente facil, mas para que da demolição não resulte sofrimento maior para os que lá habitam era indispensável, antes de deitar abaixo, garantir a todos esses miseros que lá habitam, e são muitas centenas, umas moradias saudáveis.

Antes de demolir seja o que fôr, urge portanto, edificar primeiro bairros ou «blocos» como um que existe na rua Duque de Saldanha, perto do cemitério do repouso e que abriga muitas e muitas Famílias.

O erro de demolirem sem primeiro garantirem habitação aos que são postos fora das suas casas ou quartos, embora miseráveis, tem criado lutas e revoltas ou sofrimentos grandes.

Eles antes querem esses tugúrios, esses lojões do que as estrelas do firmamento por abrigo unico.

Palavras sóbrias e seguras de quem sabe o que quere e o terreno que pisa. E' a experiência a falar. A carta contém um sentido de profunda humanidade. E' ver como ela fala de sofrimentos e de revoltas e tudo mais que diz respeito às nossas qualidades.

E' a espinha dorsal. São os nervos dêste corpo místico de Jesus, cujos membros somos todos e cada um de nós. Os entrelaçados.

Blocos ou Bairros. Casas lindas e baratinhas com cortinas nas janelas e jardim à entrada; tais quais as de Coimbra, segundo a narração maravilhosa do rapaz que me veio ver e de que noutra lugar se fala aqui.

Esta carta é um ai.

Só uma visitadora de pobres a podia conceber e escrever, a visita—contacto no seio da própria familia; o escutar, o tocar, o ajeitar, o servir. E' só por isto e precisamente por isto que o visitador de pobres fala e comove. Esta carta é um ai.

Há dias, entrava eu em um dos *hoteis* daqueles sitios em visita a um doente. Quando subia os degraus, ouvi dizer: *já morreu*. Agarrei-me ao irmão e desci. Tinha morrido o doente. Foi Deus quem lhe fechou os olhos!

Este foi-se embora sem ter visto em sua vida água e luz e cortinas e flores. Só via diariamente o espectro de dez escudos que era obrigado a dar ao sublocatário. E tinha que sofrer isto, mais a doença de que morreu. Mas a revolução continua. Eu cá sou optimista. Nós vamos caminhando muito acertadamente. Todo o homem de recta intenção, se nota que há muitissimo para fazer, alegre-se necessariamente com a vista do que se está construindo e a vontade decisiva de se construir até ao fim. Bairros de casas baratinhas. Blocos de casas baratinhas. Cortinas nas janelas e flores nos canteiros. Haverá mais justiça. Os nossos juizes terão menos probabilidade de se enganar nas sentenças. Haverão menos criminosos *sem morada certa*. Menos, de casas inabitáveis. Menos crimes feitos de miséria. Mais Justiça.

Eu mesmo tive ocasião de ver com os meus olhos o Bairro da Corujeira, no Porto. E' num cabeço banhado de sol a olhar para o Rio Douro. Lá estavam as cortinas, e se não há ainda flores é porque só há pouco está sendo habitado. Mais. Existem ali muitas casas por habitar, à espera daqueles que vão ficando sem elas nas demolições dos barrêdos. Mais. Outras que se estão construindo ali, somente serão habitadas por aqueles dos nossos irmãos condenados, até aqui, ao negrume do tugúrio. Mais ainda. Ouvi de alguns dos habitantes notícias de uma maravilhosa Justiça Social: sendo as casas todas iguais não o são as rendas. Justiça na desigualdade. Cada um paga consoante os seus ganhos. A revolução continua. Humildemente e prostrado eu beijo as mãos dos *revolucionários*.

Do que nós necessitamos

Mais uma carta a indicar rua e número e a solicitar a visita a um pobre e doente. *Tenho um cancro no peito*. Fui. Fui imediatamente. A carta. A pessoa. A doença. Um cancro!

Quer ver? Não. Eu não queria ver. Deixe estar; não descubra. Mas o doente descobriu. O doente quiz mostrar e mostrar e mostrou.

Compreende-se a solicitude. O cancro é tudo. Abarca a vida inteira; e todos os momentos dela, aquele doente, encontra-se com o que é seu. Eu vi. Vi o medonho! Que se calem todos os nossos sofrimentos, e que se conservem no grau diminutivo! Além do mais, este doente que ora visito é pobre. Não tem nada.

A NOSSA COBRANÇA

Estamos recebendo a amostra do Porto, Lisboa e Coimbra. Por serem as principais cidades, por elas se começou. Não temos razão de queixa. Todas responderam a mais de meio por meo. O que se tem feito é um nadinha de poeira na forma de cobrar; as opiniões não condizem. Assim tem de ser. Em uma multidão de vinte mil cabeças hade haver outras tantas sentenças, a menos que se lhes não dê licença de falar. Mas não é preciso. Não é preciso fazer poeira, que as coisas são mui claras. Exemplo. Chega o carteiro com o recibo. O assinante verifica datas e quantia. Já tinha pago? Muito simples; um postal e pronto. Nós acreditamos e damos baixa. Eu acredito. Eu acredito nos homens. Tenho de acreditar, ainda que as suas obras me digam que não. São obras deles. Não valem nada. O que vale no homem, é ser ele, homem, a obra prima de Deus. Eis aqui a razão por que eu acredito; preciso de acreditar nos homens. Por muito que nos rebaixemos temos sempre a possibilidade de nos levantarmos. A toda a hora da nossa vida e até ao último sópro, podemos exclamar com santa arrogancia: *não abandones, Senhor, a obra das tuas mãos*. Ora aqui está porque eu acredito na tua palavra, damos baixa na ficha e continuamos a mandar o famoso.

Vamos agora ao caso em que os senhores não desejam ser assinantes.

Muito bem. O recibo vem recusado, nós riscamos o nome e acabou. Já não será mais um morto no *cemitério*; é antes um vivo a dizer o que quer.

Quanto ao engano de não darmos baixa tendo, aliás, recebido o dinheiro da Assinatura, compreende-se: Estes dinheiros, são entregues de muitas maneiras: ele no Tojal, ele em Miranda, ele em Coimbra, ele no Lar do Porto, ele aos vendedores de Braga e daquelas três cidades também; éle a mim, quando por lá ando. E eu é que sou o pior. Estou em dizer que eu é que sou o dos enganados. Entregam-me dinheiro das assinaturas, eu misturo com outros dinheiros que trago, não dou caváco aos da redacção, eles vão e fazem a cobrança, e aqui temos nós a poeira. Eu é que faço a poeira. Eu sou o poeirento. A todos peço perdão.

Tem um cancro! As injecções, o aplicá-las, o lavar, o curar, é tudo feito por devoção de gente humilde; gente que não dá nas vistas,—mas conhecida de Deus.

Os cancerosos! De uma vez, em Lisboa, dou com uma velhinha de rosto mortificado e passos vacilantes, rua acima. Quis saber. Dirigia-se ao Instituto. Ia ao curativo. Ia a pé por não ter nem sequer para o eléctrico! Falei-lhe. Chorou. Choramos ambos. Chora tu, se és capaz! Também ela me quiz mostrar: *só um bocadinho*.

Temos um rapaz na Casa de Miranda. Estremeço ao vê-lo. Abraço-o. E' a recordação. A mãe dele deu-mo e foi-se para a sua morada. Era uma cancerosa!

E a cidade de Lisboa quer ser de mármore e de granito. E a cidade do Porto, gosta de ser chamada a Invicta. E a de Coimbra blasona-se de rainha. E a ciência quer maiúsculas. E tu queres que todos te olhem quando passas. E todos nós temos culpas de deixar a estes doentes o cuidado de procurar remédios, como se lhes não bastasse a dor que os consome! Tendo eu trazido para esta coluna de amor o caso de mais um irmão doente, peço a todos quantos sabem amar que me habilitem a ir mais vezes a casa dele e sempre com as mãos cheias.

Mais cem escudos de Setubal. Mais o Senhor do Hotel Rosa, que ao saber, pela crónica do Cete, que ali tínhamos comido, pediu licença para remeter o dinheiro e quer que eu passe por lá. Sim senhor.

Mais a costumada importância do costume anónimo B. Mais 200 do Porto. Mais 20 em selos de Cernancelhe. Mais roupas de algures. E mais e mais e mais. Mais 3 pastas. Primeiramente vieram duas de um senhor do Porto e a seguir uma de um senhor de Vizela. As duas encomendas postais foram aqui muito faladas. Eu chegava de fora e encontro no caminho o Cete, que vinha do correio. Na bicicleta dos da redacção. Foi ele quem deu a notícia: *Já temos pastas*. Ele escolheu das duas uma mais ao vermelho, que anda agora ao serviço de levar e trazer cartas. Está fixada no quadro da bicicleta. Se já antes era assim, agora andam todos aqui mais maravilhados. A segunda pasta de cor mais discreta, *acaçou-ma* o Amadeu. Ele é da Escola nocturna. Levava os seus livros amarrados num baraço. Agora não. A terceira, que veio de Vizela, também teve seu destino. Até aqui o Cete conduzia numa cesta de vime as cintas de papel e tudo mais para a expedição do Famoso. Ele não queria, parecia-lhe mal ir de cesta na mão, no combóio e pelas ruas da cidade. Tivemos aqui muitas questões por causa disso. Muitas vezes o rapaz foi ameaçado porque fingia esquecer-se dela, no regresso do Porto, só para a não trazer na mão. Uma cesta igual à dos pedreiros aonde vai o caldo que eles hão-de comer! E o Cete, o menino Cete, de fato novo, sapatos da moda, caracois, lenço de três pontas, cheirinho! Parecia-lhe mal. Agora não. Agora é a pasta que veio de Vizela. Agora é letra com a careta. E mais de Borba dois dois sacos de grão de bico. Que jeito! Acabamos agora mesmo de receber uma lista com nomes de 50 assinantes de todo o Alentejo. Nomes grandes. Tudo de doutor para cima. Ora vamos a ver... Mais uma caixa de sabão. Mais várias importâncias de várias terras. Mais uma carta de Sangalhos com luzes de uma biciclete. Por enquanto é só a promessa...

E mais nada.

Isto é a Casa do Gaiato

A CABA agora mesmo de chegar ao pé de mim, um dos que estavam na loja do barbeiro, vira-me as costas e diz: *olhe o que me fez o Piriquito*. Eu olhei e vi sangue na parte trazeira de uma orelha. O queixo volta-se agora para mim à espera da sentença. *Olha o que ele me fez ontem aqui*, respondi eu ao apontar com o dedo um golpe que trazia na cara. E assim fizemos as contas. Além de que, a questão estava um nadinha prejudicada, por causa do nome do seu autor. O Piriquito já não mora na Aldeia. Agora temos cá o Senhor Moreira. Piriquitos, que eu saiba, só temos os do aviário.

E já agora que estamos a falar de negócios de barbeiro, as coisas passam-se assim: o Moreira, à hora da ceia, passa para as mãos do chefe a lista dos cabelos que hão-de ser cortados amanhã. O chefe lê os nomes, solenemente. As vítimas apresentam-se tal qual foram ontem nomeadas. Ora foi justamente uma destas que se veio queixar a mim: *olhe o que o Piriquito me fez*. O sangue pingava.

ONTEM foi Domingo. Vale a pena vir aqui de longe para ver como cá é aos Domingos. E muitos assim o fazem. Bicicletas, jipes, motas, a pé, e até de burro. Automóveis nem é bom falar. Pois era Domingo e eis que um dos mais pequenos vem ter comigo com oito laranjas no regaço, e que as tinha apanhado no chão debaixo das nossas laranjeiras. Eu tomei-as, dei-lhe uma e despedi o rapaz. Justamente por ser Domingo e andarem os nossos sem obrigação, segue-se que todos têm o tempo livre e por isso foram vistos três debaixo da laranjeira, que seguiram ao depois campos fora, que se entranharam numa jeira de centeio, de onde saiu o que me foi entregar as laranjas com elas no regaço. Soube-se mais que o objecto dos três rapazes ao entrarem no campo de centeio, foi esconder ali duas delas, esperando antecipadamente que eu desse uma ao portador. Assim aconteceu. Uma que eu dei, duas que eles esconderam, cada um comeu a sua e tudo acabou a bem. Até aqui os factos. Vamos à lição: Estes três rapazes da nossa aldeia confirmaram a dolorosa dificuldade da renúncia, do dom total.

Eles não tiveram a coragem de entregar tudo, embora eu os considere e eles sejam extraordinariamente fieis. E se isto é verdade, quanto à renúncia das coisas materiais, que dizer das espirituais?

Quem é que pode experimentar a suprema alegria interior de se renunciar a si mesmo nas suas relações com o próximo e nas suas relações com Deus, — quem?

Quando soube da meada que estes três pequenos teceram, momentos depois de a terem tecido, caí em meditação e apoderou-se de mim um sério receio de, no fim das contas, vir eu a ser julgado como não tendo dado nada, parecendo ao mundo que eu dou tudo; porque eu, com esta idade e fama que tenho, ainda não experimentei a glória interior de ter dado ao meu Criador tudo quanto d'Ele recebi; e enquanto não o fizer, não me posso chamar a mim mesmo um discípulo de Jesus, ainda que o mundo assim me julgue.

Já que falo em laranjas e em laranjeiras, eu quero recomendar aos nossos visitantes que reparem, nas árvores carregadinhas de fruto, dentro duma quinta aonde moram cento e sessenta rapazes à vontade! Eu também não sei como isto pode ser, porquanto o dito passa constantemente, de que, aqui e ali, roubaram as laranjas ao Senhor Fulano de Tal. Se vamos analisar o facto acima descrito, em vez de falta encontramos nobreza,

Os três pequeninos foram três nobres. Ficaram com três, mas deram oito; e mesmo as com que ficaram, dividiram-nas entre si: *toma lá tu, toma lá tu, esta é para mim*. Eu estou em dizer que o mundo seria outro se as contas assim fossem feitas. Mas não. Tu ficas com oito e das três e das oito com que ficas não divides com ninguém. Muitos há que vão mais longe; ficam com tudo e querem mais.

EU descia a avenida, enquanto uma bicha de pequeninos trabalhadores subia comandada pelo Risonho. O risonho formava um nadinha ao lado da bicha, como convém ao homem que se destaca. Ele era ali o chefe. Os pequenos, ocupavam-se no transporte de cavacas, e cada um transportava a sua no regaço e os mais possantes, duas. Iam na bicha os nossos dois príncipes. Risonho, sem parar nem fazer parar, aponta-os e diz: *São muito ruins de aturar* e seguiu a bicha. Pronto. Aqui temos a fórmula. A preciosa, a única fórmula verdadeira de educar. E' o Risonho que a ensina, que a prega e que a realiza: *São muito ruins de aturar*. E ele atura-os.

Ora é isto justamente o que nós fazemos nas nossas aldeias. Aturamos e aturamos e aturamos e mais nada.

ESTEVE ontem aqui o Senhor que deu um par de sapatos ao Faisca, no Porto, como aqui foi relatado; e vinha agora combinar de como havia também de lhe dar um relógio de pulso.

Ainda bem que este senhor teve a feliz ideia de vir aqui combinar antes de fazer a compra.

Porque se o fizesse sem prévia combinação, o Faisca seria um infeliz, a lacrimar os dias da sua juventude; porque eu tirar-lhe-ia o relógio e ele tarde o viria a possuir. Por este sinal, ficam já os nossos amigos sabendo da minha opinião acerca das dádivas desta natureza.

O rapaz a quem se dá um relógio de pulso tem de necessariamente procurar saber como aquilo é lá por dentro, e o resto já se sabe. Há dias emprestei a um cosinheiro o do meu uso pessoal, para ele saber as horas e apresentar-se a tempo. O rapaz tem a passar de dezassete anos, pois nem assim. O cosinheiro foi ver como aquilo era lá por dentro, e o relógio foi para conserto. As coisas são assim. Esta deve ser a única regra. Sem excepção. Da resto, quando lhes chega o desejo furioso de possuírem um relógio de pulso, eles sabem muito bem como fazer e, na verdade, muitos o tem feito: vão ao tinteiro da escola, e com a ponta da caneta pintam no pulso um lindo relógio e a seguir veem mostrá-lo: *Ora olhe*. E eu olho.

Pois que continuem a pintar relógios no pulso. Estes são verdadeiramente os seus relógios. Os relógios deles. Os outros são nossos.

NESTA data e a esta hora eu estou na casa da Mata. Dito e o rapaz escreve. Estou reclinado numa cadeira preguiçosa e com doses de *promonta* a ver se duro mais algum tempinho. Daqui olho para a aldeia e vejo tudo quanto se passa nos campos fundeiros, aonde corre um regato e os nossos rapazes ceifam erva para as vacas. Notei ali o Moléstia no meio dos ceifadores, com um grande pau na mão à procura de não sei quê. Ora o Moléstia não é da erva. O Moléstia é enfermeiro e o seu lugar é no Hospital. Mandei chamar o

Moléstia e aí vem ele, e o pau e uma grande caixa de papelão debaixo do braço. Quiz saber. *E' rãs*. Ora vamos a dosfiar em duas palavras: Ontem esteve cá um senhor doutor do Porto que tem um laboratório e é conhecido na Aldeia, por o *Senhor Doutor do sangue*, por ser ele quem extrai e quem analisa o sangue dos rapazes. Tem cá muita nomeada. Ora o Sr. Dr. do Sangue, encomendou rãs ao Arouca dos Porcos. Este passou palavra ao Moléstia. O Moléstia passou palavra ao irmão do Arouca dos porcos e nem é bom dizer o que por cá se passou, enquanto o Moléstia não foi levar as rãs ao laboratório do Senhor Dr. do Sangue.

Se nós fossemos uma verdadeira organização e o mundo como tal nos houvesse, sabido é que o Sr. Dr. falaria directamente com o superior da casa e daria as suas ordens, dentro das normas necessárias e rápidas como convém a uma tropa desta natureza. Mas nada disso, foi o Arouca dos Porcos. O Arouca dos Porcos é que recebeu e deu as instruções.

P. S. — Vai aqui um p. s. ao que acima se diz a respeito do Moléstia, e das rãs e do mais que lá vem.

O Moléstia, depois de vir aqui à casa da Mata mostrar a colheita das rãs, desanda para o Hospital com a caixa delas debaixo do braço. Tal como nos outros sítios, o hospital da nossa Aldeia é ponto forçado de reunião; há os doentes graves, há os mais aliviados, há os convalescentes, há os que esperam alta, e concomitantes visitas. Ora foi a este aglomerado, que chegou o Moléstia com a caixa debaixo do braço. Dá a notícia do que traz dentro e tudo quer ver como é. Começa agora uma grande questão. Os circunstantes dividem-se. Uns dizem que são mas é sapos outros dizem que são rãs. Moléstia vai pôr um balde de água aonde despeja o conteúdo da caixa mas as dúvidas persistem. Moléstia pega no balde, com os batráquios lá dentro e segue avenida abaixo acompanhado dos discordantes e vai até à boca da mina que alimenta o tanque do nosso campo de jogos. Ali é que se iam tirar as teimas. Os sapos vão ao fundo e as rãs nadam. Esta tinha sido a sentença do Cête. Era a última palavra. A boca da mina é um pequeno lago de água. O Moléstia despeja nele a matéria da disputa. Se sapos se rãs ainda hoje se não sabe. O que se sabe é que tudo desapareceu pela mina acima.

Eis o que o Senhor Doutor do sangue veio trazer à nossa Aldeia. Se ele ao tomar conhecimento não bater no peito muito há a duvidar a sua consciência.

O Licínio mai-lo Piolho, que são os regulares vendedores em Braga, têm-me trazido a notícia de que a Senhora do Mel anda a trabalhar para nós irmos ali ao cinema. Eu não tenho feito grande caso por me parecer coisa de rapazes. Ultimamente, porém, eles deram em marcar data, e que está tudo arranjado para o primeiro sábado de Maio. Foi o Licínio quem me fez esta comunicação. Eu disse que não. Que estas coisas não podem ser simplesmente faladas. Que é preciso uma carta da Senhora do mel ou do dono do cinema. E disse e disse e disse. O Licínio deixa-me acabar, e remata com esta espantosa naturalidade: *mas isto que eu lhe estou a dizer é uma carta*.

Incrível! A simplicidade das coisas grandes! E não havendo nada em contrário, vamos nós todos a Braga fazer uma festa com esta carta do Licínio. Até lá se fez favor.

HOJE o Armando veio onde eu estava, pegou-me por um braço e quiz que eu fôsse ver: *venha daí que é uma coisa muito linda*. Eu fui sem perguntar, até chegarmos ao pé da coisa muito linda. Era uma galinha choca aninhada com uma data de pintainhos debaixo das asas, donde saíam aqui e além, as cabecitas de alguns.

Eis a coisa linda. O rapaz tinha-a visto e foi-me chamar para eu ver também. Isto denuncia a felicidade d'ele; e é tanta que a não pode conter dentro de si e procura difundir-la nos outros: *venha ver uma coisa linda*.

O Armando anda rapado. Rapou-se-lhe o cabelo há dias por castigo. Quanto me não custou fazê-lo! Talvez por isso mesmo, por causa desta minha dor, o rapaz ande feliz e seja tão meu amigo: *venha ver uma coisa linda*.

O quadro que ambos presenciámos não sofre comentários; vê-se e mais nada. E' uma coisa nova que parece velha. E' uma coisa sublime que parece banal. Andou nos lábios de Jesus, nosso Mestre e Amigo. Foi assunto das suas pregações. Ele comparou-se à galinha que traz os filhos quentes e contentes debaixo das suas asas. Ele quer ser a mesma coisa para nós. Quer ser a mesma coisa para ti. E tu, desnordeado, procura outro calor e outra alegria. E não encontras.

A propósito da fuga do Chico de Casaldelo, como aqui se notificou, recebi duas lindas cartas a lamentar o facto e a sentir a ingratidão. Quanto não agradeço eu essas duas cartas! Mas a verdade é que eu só dei fé da ingratidão do rapaz, depois que as recebi. Antes não tinha dado. O que eu senti, foi sim, a desgraça do rapaz: a oportunidade que ele perdeu, como a perdeu, e em que alturas da sua vida a perdeu. Isso é que me fez doer e ainda hoje me doi. O resto não. Esta classe de gente a que me devotei, não pode dar mais do que aquilo que tem. Eles não tiveram berço nem leite, nem casa nem preparação, nem exemplos, nem costumes, nem nada. Que podem eles dar? Não. Não posso tomar por ingratidão estes e outros passos semelhantes.

Pior é a condição dos que recebem tudo, e não dão nada, ou dão muito pouco. A esses é que eu chamo ingratos. Essa é a ingratidão que eu dou fé e que tanto me faz doer. Sim, estas verdades são profundas e são reais e são da nossa vida e nada perdem da sua essência por serem pouco meditadas; tudo quanto temos, recebemos. Quer na ordem da natureza quer na ordem da graça.

APARECEU aqui ontem um rapaz que já tinha dobrado a casa dos quinze, no dizer do senhor que o acompanhava. Ele mesmo conta a sua história, onde havia um grande desgosto se o rapaz não pudesse cá ficar. O pai dele fôra abatido a tiro. A mãe juntara-se com outros, necessariamente da mesma doutrina e mais e mais e mais. O rapaz estava ali ao pé. Eu medi-o dos pés à cabeça. Não podia ficar. No campo ou nas oficinas, ele havia de ser um perigo para a nossa comunidade.

Teria sempre ao pé dele outro que o escutasse. São almas. Não podia ficar e não ficou e aqui vem a primeira desgraça, a saber: a nossa obra não dispõe de meios para se colocar ao serviço de rapazes desta natureza uma quinta apetrechada e adequada.

Nunca ninguém nos ofereceu uma tal coisa, nem sequer nos perguntou se realmente necessitamos dela. O rapaz foi-se, sim, mas ficou em Portugal. Ficou no meio de nós. E' um dos nossos. Amanhã aparecerá na tua residência a uma hora em que o não esperas nem desejas... O pai d'ele foi abatido por ladrão. Filho de peixe sabe nadar.

E a segunda desgraça é esta: o

Continua na página seguinte

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

A Obra da Rua vive da generosidade dos seus amigos. E' no coração deles que estão os nossos recursos. Sem verbas, sem capitais, sem os característicos artificios de «caçar» dinheiro, a Obra progride, avança e as sete Casas que ela hoje conta em breve se hão-de multiplicar.

Tem mesmo de ser assim porque a chaga é muito grande e não pode curar-se doutro modo.

E' nas furnas que habita a miséria e esta é normalmente a mãe do crime. E' preciso dar casa aos que vivem nelas para que mais tarde não venham a fazer das cadeias a sua habitação.

Deus está conosco e é essa a força que nos anima.

* * *

Ainda não estão feitas as nossas oficinas embora tenhamos muita necessidade delas. Mas entre os gaiatos já temos «artistas» com sua especialidade. O Preto, por exemplo é um artista... a partir pratos. Ninguém o bate. E' a especialidade dele.

Quem nos tem valido para aturar estes especialistas tem sido a Fábrica de Loíça de Sacavém. A última remessa veio no começo do mês. Mais de mil peças. O nosso Overland—pau para toda a colher—lá as foi buscar e, vá lá, não houve desgraça pelo caminho.

Os donativos continuam. E' a revolução das almas a operar-se no íntimo delas. Não há barulho, nem armas, mas ha a sinceridade das lágrimas. No silêncio humilde de quem cala está muita vez o sacrificio alegre dum desprendimento generoso.

Cem escudos para a tipografia e ainda para ela uma migalha de vinte. Migalha pequenina, mas eloquente.

Depositada no Banco outra nota de cem. Mais 24 lençóis feitos e uma peça de pano para os fazer. E ainda: dez travesseiros, dez almofadas, vinte e quatro toalhas, e igual quantidade de lenços de algebeira e um fato completo.

Meias! Tem chegado às dezenas. Graças a Deus!

De uma assinatura, 40 escudos. Como noutra altura já foi dito o peditório de Fátima rendeu quase trinta moedas e além disso, um alfinete de gravata em ouro com pérola e uma medalhinha de ouro «dada com muito sacrificio».

Fátima ouviu e chorou. Felizmente a alta sociedade olha para o problema da miséria dos seus irmãos. Os visitantes afluem de todos os lados e deixam ficar algo de si mesmos. Deles vieram 190 escudos.

Para a tipografia duzentos e mais cem e mais vinte «pedindo desculpa de ser tão pouco» e ainda cem «com sincera pena de não poder dar muito mais».

Em Alhandra deram-nos vinte escudos numa reunião de Vicentinos. Mais sessenta de «Maria a pecadora». Eu creio na Ressurreição da carne mas creio também que não estamos ainda no fim do mundo. Este nome duma personagem evangélica agora usurpado, traz consigo um mistério—o mistério de sessenta escudos de origem desconhecida mas insuspeita.

Os nossos amigos da Vacuum deixaram no Banco a sua conta. E bem linda por sinal! Mil cento e sessenta escudos.

Visitantes de Coimbra deixaram uma nota de quinhentos.

O pessoal da S. dos Produtos Lacteos enviou-nos um vale de correio no valor de 355 escudos.

Uma senhora americana mandou-nos um cheque no valor de 7.516\$12 para ajuda da construção da nossa enfermaria. E' uma necessidade. Não podemos prescindir de uma enfermaria. A primeira pedra foi lançada e não tardará muito que outras se lhe venham juntar.

Em resposta a um apelo feito no seu Boletim, vieram-nos 81 escudos de 3 sócios do Sporting. Os desportistas a marcarem. Se algum aspirar a internacional é questão de meter maior número. Golos fáceis e sempre gloriosos.

Mais um donativo de vinte escudos e duas notas de cem de dois anónimos e outras duas de 2 irmãos. A união faz a força!

Mais duas peças para lençóis. O problema está resolvido, por agora. E' favor não mandarem mais lençóis. Já chegam. Mas surge outro problema que anda bem perto deste. Anda à volta de camas. E' que não temos colchas para elas. E a desgraça aumentará



Um gaiato do Tojal; da Casa do Gaiato de Lisboa. E' o das capoeiras. Tem de dar de comer e depois come êle.

com a abertura de mais uma camarata logo que cessem as obras na nova sala que ha-de servir de escola.

O Montepio não se esgota. De lá vieram 3 pares de sapatos em muito bom estado, 12 pares de meias, 6 calções, 6 camisas, 5 fatos completos, 3 toalhas de feltro, uma gabardine, três casacos, um roupão e mosquitos e diabretes e papagaios com fatura.

Latas! Também vieram latas. A quem as mandou agora e as costuma mandar dizemos que, se quiser, pode suspender até que se gastem as que temos. Depois, pode continuar. A gente dará sinal.

De visitantes mais 9.50 e de uma assinatura vinte e cinco.

A um dos nossos vendedores alguém ofertou uma caneta com o recado «não digas nada a ninguém». Ora vejam. Cumplicidade! E' assim que eles dizem quando fazem das suas.

Mais 218\$ de assinaturas e um donativo de 40\$ e outro de 150\$. Mais dois lençóis. Faturinha deles, graças a Deus! Mais duas ofertas de cem e uma de trinta.

Dezasseis latas de atum. Sim, senhor! Destas podem continuar a vir.

Mais 5 pares de meias, 2 camisas um par de calças, etc. etc.

De assinaturas mais 250\$. E ainda púcaros de lata e um par de sapatos e seis camisolas.

«Levou tempo mas consegui» dizia um cartão que acompanhava um engraçado saquinho com cem escudos em moedas de 25 tostões, para a tipografia. Outro saquinho parecido com igual quantia em moedas de cinco escudos era também acompanhado dum cartão que falava desta maneira: «Para as borras da Páscoa dos gaiatos de Lisboa. Não faz mal que vão adiantadas, pois não?»

Eu respondo. Não faz mal nenhum, minha senhora. Ou adiantadas ou atrasadas sempre que se queira mandar pode contar com a boa disposição dos gaiatos para as comerem.

Mais quinhentos «para juntar à importância recebida em S. Sebastião da Pedreira de alguém que na ocasião não pôde concorrer». Mais um para o número dos cinco mil e uma assinatura de 50\$ e 219\$ de donativos.

Uma pancadaria de lápis e borrachas para a escola, do pessoal da Secl. Os nossos vieram entusiasmados com tanta simpatia. Eles querem voltar. Foi lá que uma senhora D. Bertha (com hi) nos ofereceu uma colecção completa de J. Verne para a nossa biblioteca.

Finalmente mais um pobre. Uma dádiva generosa da Providência. E' uma pobre velhinha, octogenária já, que padece necessidade de tudo. O Manuel Pedreiro foi lá para ver. E viu, não com olhos curiosos mas com sincero desejo de fazer bem. Ela ficou contente mas muito mais contente vinha o Manuel Pedreiro.

Era um fôlego vê-lo entusiasmado a contar a entrevista. Punha nas palavras a alma toda. Ela quis vir cá e o Manuel Pedreiro logo se prontificou a pagar-lhe a viagem.

Ora vejam esta dádiva. Uma fonte de alegria—Eu gosto de os ver alegres mas quero uma alegria sã. E esta do Manuel era pura e santa.

P. L.

rapaz esteve num Asilo até aos tantos anos, de onde saiu por via do regulamento. O soneto que ali fizeram da sua vida, não tem emenda possível. Nem nós nem ninguém o pode fazer. Três anos de vida aírada inutilizaram a vida cuidada que no asilo teve. Não se diga que eu sou asilófago. Eu não tenho fobias. Eu não quero ser danado. Eu exponho os factos sinceramente, a bem da nação. Que os homens os apreciem da mesma sorte.

JANTOU boje comigo aqui na casa da Mata, um faltoso que ontem respondeu em tribunal. E' o tabaco. Cigarros comprados e fumados antes do tempo; este faltoso com a agravante das pontas. Pontas que ele apanhava nas ruas do Porto, pontas que apanha por aqui. O convite que lhe fiz, representava uma decisão. Assim o compreendeu ele, réu, e a assistência. Aí vem a hora do jantar. O cozinheiro estava prevenido e contava com o hóspede. Ele é da turma dos do campo e tardou um bocadinho. Fora-se vestir. Como lhe parecesse

qu o seu fato de Domingo era fraco, pediu um emprestado, conforme me declarou: *pedi-o ó Alemão*. Fomos para a mesa. Era caldo de grelos. Era bacalhau e batatas e ovos e azeite e vinagre. E piscos. Piscos a cantar no arvoredo da mata. Eu estava muito contente por ter observado aquilo de o rapaz ter vestido um fato especial, espontaneamente, dando assim solenidade. E não quis ficar atrás. Ofereci-lhe um Português Suave. Cacei-lhe a promessa de que aquele cigarro seria o seu último cigarro até à hora de poder fumar, honestamente, quantos quisesse. E falei e falei e falei. Vamos a ver.

HOJE de manhã, apareceu aqui na Aldeia, vindo de Coimbra, um rapaz meu conhecido. E' costureiro. Em pequenino, ia com muitos outros para as colónias de montanha, que, ao tempo ali realizava. Casou-se, tem família. Deseja ir para a África e quer que eu lhe dê a mão. Enquanto falávamos, conta-me êle dos Bairros de Coimbra. Diz os nomes

dos que já ali estão construídos e outros em vias de o serem. Diz os nomes dos já habitados e desses fala com toda a alma. *A gente nunca viu água nem luz, são casas tão lindas e tão baratinhas*. Os olhos dele falavam. São quatrocentas famílias, continua ele, todos têm favas e flores e as janelas tem cortinas e aos Domingos abrem as portas, para que se veja como as casas são lindas por dentro. Eu ouvia extasiado. O rapaz falava do que conhecia e comparava: *a gente nunca viu água nem luz*. Também ele vivera, como muitos



ENFERMARIA
Dois doentes e um convalescente

ainda vivem, em arremedos de casa sem água nem luz. Como fossem horas de comer eu mandei o rapaz à cozinha. Ele é de Coimbra. Os dois cozinheiros são de Coimbra. O resto sabe-se.

Eu amo a verdade sem enfeites, aquela mesma que faz a gente chorar. De tudo quanto se afirma das obras sociais da Nação, nunca ninguém disse tanto em tão poucas palavras, como este rapaz que me veio pedir a mão: *casas tão lindas tão baratinhas*. Cortinas à janela, flores no jardim e isto em plena posse hoje de quem antes nunca tinha visto água nem luz. Eu amo a verdade. Eu amo os humildes. Eu beijo as mãos a todos quantos sinceramente e devotamente trabalham por erguer os humildes. Este rapaz quer ir para a África. E' alfaiate e costureiro de senhoras. Leva consigo a mulher. Eu fico por êle.

Quer que eu lhe dê a mão, mas é preciso que alguém de lá ma dê.

O nosso jornal é muito conhecido nas provincias Africanas.

Venha de lá uma carta de chamada.